



Dias, S. J. F.*

* Bacharel em Psicologia, Professor do IIPC e Pesquisador do CEAEC.

Unitermos

Autoconsciência
Cognição
Paradigma

Key-words

Cognition
Paradigm
Self-awareness

Paradigma Consciencial: Considerações a partir de uma Dinâmica Cognitiva

Consciential Paradigm: Considerations from a Cognitive Dynamic

Resumo:

O homem, enquanto ser de relação, vem desenvolvendo sua autoconsciência a partir de uma dinâmica cognitiva que acarreta nele uma complexidade e organização crescentes. Do determinismo genético ao aprendizado cultural, da animalidade à civilidade, esta transição evolutiva marcou o início do continuísmo do aprendizado humano, caracterizado pelo primado da razão. Deste modo, o Paradigma, a Percepção, a Cognição e a Cultura formam uma estrutura que se amplia na medida em que o homem é capaz de acessar e compor novas informações acerca da realidade. Neste contexto, o Paradigma Consciencial apresenta-se como modelo avançado de investigação da realidade, inserindo novas variáveis à dinâmica cognitiva do homem contemporâneo.

Abstract:

Man, as a relation being, has been developing his self-awareness from a cognitive dynamic that results in an increasing complexity and organization. From the genetic determinism to the cultural learning process, from the animal condition to civility, this evolutionary transition has marked the beginning of the continuism of the human learning process, characterized by the dominance of reasoning. Thus Paradigm, Perception, Cognition and Culture form a structure that increases at the proportion that man is able to access and compose new information about reality. In this context, the Consciential Paradigm is presented as an advanced model for investigating reality, introducing new variables in the cognitive dynamic of the contemporary man.

1. Considerações Iniciais

Há milhares de anos, o ser humano atingiu um grau de autoconsciência' que lhe possibilitou uma diferenciação relativa dos outros seres humanos, e uma ascensão evolutiva em relação aos outros seres e à natureza mais ampla.

No decorrer deste período histórico, transformou-se num ser de relação ativo, capaz de acumular, de dar continuidade e sentido à sua experiência através da aprendizagem, a partir da interação com o seu meio, modificando a si e ao mundo dentro de uma dinâmica cognitiva que acarretou nele uma complexidade, organização e autoconsciência crescentes.

Desde então, começou a possuir subsídios para questionar e posicionar-se frente a esse processo no qual está inserido e no qual é participante, bem como o seu real papel neste contexto.

O determinismo genético deu lugar ao aprendizado cultural, a animalidade cedeu lugar a civilidade. Este marco evolutivo caracterizado pelo primado da razão, do pensamento, da lógica, da abstração, da ponderação e do

discernimento permitiu a manifestação multimodal da consciência humana; manifestação esta, mais avançada do que a anterior, quando o homem ficava sujeito tão-somente às limitações instintivas e impulsivas das suas necessidades primárias, e confundia-se com a sua própria existência.

Ele foi o ser terrestre que se sobressaiu à natureza, dobrando-se sobre ela, para gerar conhecimento desta relação, a partir do desenvolvimento da sua própria consciência.

A história do conhecimento humano é a história do ser humano em busca de respostas, verdades ou leis que justifiquem uma ordem presente nessa sua existência. Religião, Filosofia, Ciência e outras linhas de conhecimento, todas elas empreenderam esforços na mesma finalidade, cada qual na sua área de elaboração, pautadas em seus respectivos modelos de investigação.

O que se observa no aprofundamento do conhecimento humano, contudo, é a iniciativa de uma microminoria, com autoconsciência acima da média, que percebe e relata fatos que transcendem o conhecimento já

estabelecido e as explicações existentes.

Essa iniciativa, comum aos descobridores e vanguardistas, desencadeia, não raro, resistências e descréditos – iniciais e temporários – dos demais, os quais não aceitam as verdades relativas de ponta expostas por aqueles: ou por ignorância, no que tange ao desconhecimento, ou por interesses espúrios. Este é um fato que se repete ao longo da História.

As diferenças que se observam entre áreas do conhecimento, dentre outras variáveis, são:

1. A média do grau de autoconsciência presente nos seus respectivos representantes, que define o nível evolutivo atingido por cada um;

2. As injunções histórica e cultural na qual foram construídas e divulgadas;

3. Os pressupostos, as bases conceituais, as teorias pré-existentes, os modelos (paradigmas) de investigação e a metodologia empregada para chegar às conclusões justificadoras da sua atuação enquanto tal.

Este artigo tem por objetivo preliminar mostrar como os elementos-chaves da dinâmica cognitiva estão inter-relacionados. Para tanto, far-se-á, em primeiro lugar, a apresentação sucinta de cada elemento, suas definições e características básicas, para depois apresentá-los em conjunto, em uma análise de oito em que se verificará o posicionamento de cada elemento dentro dessa dinâmica.

Como segundo e principal objetivo, abordar-se-á o Paradigma Consciencial – modelo de investigação da Conscienciologia – a partir dessa dinâmica cognitiva, inserindo novos conhecimentos e variáveis à mesma, visando o seu incremento e a expansão dos conceitos convencionais de cada elemento que a estrutura.

O presente artigo tem por meta, ainda, realizar uma panorâmica didática e acessível de todo o conjunto de informações exposto adiante. Muitos dos conceitos e associações de idéias poderiam ser mais desenvolvidos, porém esta não é a finalidade neste primeiro momento de apresentação. Assim, a ampliação deste trabalho dar-se-á em momento posterior e oportuno.

2. Elementos Cognitivos

a) Paradigma

Paradigma é uma espécie de *lente* que se utiliza para observar e analisar a realidade – esta, entendida como tudo o que está disponível à experiência por parte da consciência, podendo, no entanto, não estar sendo acessível através de seus diversos canais percepto-cognitivos.

É uma teoria-geral capaz de abranger os fenômenos conhecidos até então em seu campo, ou de fornecer-lhes uma base conceitual a qual se estrutura coerentemente¹.

O paradigma funciona como uma norma, um padrão, um modelo a ser respeitado e seguido, quando incorporado pela pessoa, que passa a utilizá-lo na abordagem da realidade mensurada por ele. É denominado também de

escala de observação, esquema ou sistema de referência².

Características básicas:

1. Molda a percepção, a pesquisa e a interpretação de maneira autovalidadora¹. Isto significa que todo fato, fenômeno, observado ou experimentado pela pessoa, deve estar de acordo com o seu sistema de referência pessoal para possuir validade para ela; do contrário, pode gerar a neofobia, ou o medo do novo, ativando os mecanismos de defesa do ego, o que provoca a alienação perante a realidade.

Pode, também, gerar uma curiosidade sadia para investigar o fenômeno (neofilia), num esforço para compreendê-lo, ocasionando, assim, uma abertura do seu referencial pessoal. Tal postura ocasiona um processo de reorganização íntima e a ampliação, ou expansão, de seus *limites paradigmáticos*.

Nas inculcações de idéias (doutrinação) ocorre uma imposição de paradigma de uma pessoa sobre outra, ocasionando a anulação do esquema de referência desta que passa a adotar o referencial daquela, numa descaracterização de princípios pessoais evidentes.

2. Defende as verdades de seus próprios pressupostos¹, isto é, o conjunto anterior de conhecimentos que dá suporte ao mesmo.

3. Pode ser restrito ou abrangente quanto à realidade dos fatos.

4. É passível de refutação e modificação.

5. É dinâmico e mutável, mesmo que a tendência natural seja haver uma acomodação e cristalização.

Há vários exemplos de paradigmas: paradigma da ciência convencional; paradigma religioso; paradigma empresarial; paradigma pessoal; paradigma consciencial, dentre outros.

b) Cultura

Do ponto de vista antropológico^{3,4 e 5}, cultura é o modo de vida de um povo em sociedade. Define-se como o conjunto de maneiras de se conduzir, de se comportar e de pensar, que são consideradas necessárias dentro de um dado grupo. O homem é o único ser cultural deste planeta, mas não o único ser social.

Cultura é um conceito diferente de Sociedade⁴. A socialização, processo de integração de um indivíduo à sua sociedade, dá-se simultaneamente com a aculturação, processo de assimilação e interiorização da cultura, pois é impraticável que tais processos ocorram unilateralmente, visto que sociedade e cultura humanas se fundem e formam um binômio no qual é praticamente impossível de se estipular limites³.

A cultura caracteriza-se³ por:

1. Possuir relativa *independência* frente aos indivíduos que a vivem e que a praticam, ainda que não exista senão graças a eles. Ou seja, nenhum dos membros de determinado grupo conhece todos os pormenores do modo de vida deste grupo;

2. Assumir o aspecto de *modelo* que servirá como um conjunto de normas que vão indicar o que é aprovado pelo grupo;

3. Traduzir em seus costumes, crenças, valores, etc., a maneira pela qual o grupo ou grupos componentes da sociedade resolveram suas questões de *adaptação ao mundo físico*.

c) Percepção

Pelos estudos da Psicologia da Percepção, perceber define-se e confunde-se com o próprio ato de conhecer. Requer o acesso do observador-conhecedor ao elemento conhecido⁶. É o processo de extrair informação⁷.

A percepção possui as seguintes funções⁶:

1. De antecipação ou predição. Percebe-se com uma *finalidade*;

2. Adaptativa e readaptativa, de maneira dinâmica e contínua;

3. Defensiva ou protetora de estímulos significativamente ameaçadores e lesivos à sobrevivência do observador. Aqui também se inserem os estímulos contrários à sua auto-estima, desencadeadores dos mecanismos de defesa do ego;

4. De promoção e sustentação da atividade de vigilância, através de comportamentos exploratórios (curiosidade).

d) Cognição

Cognição refere-se à aquisição do conhecimento. O conhecimento é adquirido pela inter-relação de dois tipos de experiência pessoal¹.

A primeira, diz respeito ao que já se sabe, e está fixada em termos de lembranças e conhecimentos anteriores.

A segunda, ao que não se sabe e, quando a pessoa se depara com ela, gera a curiosidade para investigá-la e dar-lhe uma explicação adequada.

A cognição caracteriza-se por ser essencialmente *subjetiva*, pois depende de quem conhece, da sua forma de perceber e abordar a realidade. Envolve o emprego do *pensamento* que é o ato pelo qual o conteúdo fixado pelo indivíduo em termos de lembranças e conhecimentos anteriores é trabalhado para atender às novas exigências e problemas. Quanto mais incertas são essas exigências, tanto mais criativo seu pensamento precisa ser para compreendê-las e, assim, poder gerar um novo conhecimento⁷.

A solução de problemas é mediada pela *formação de conceito*, resultado da aprendizagem. A formação de conceito é o processo que interliga percepção, aprendizagem e pensamento, e é um dos melhores auxiliares do pensamento eficiente⁷.

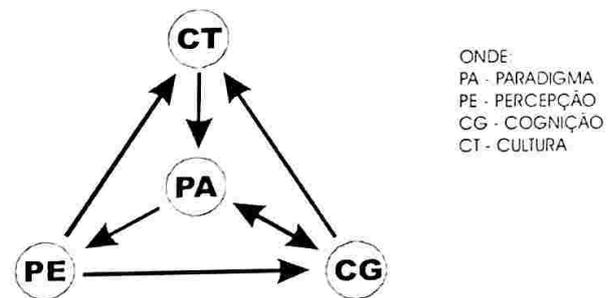
Algumas condições⁷ afetam a formação de conceito, dentre elas: natureza do material do estímulo (concreto/abstrato); idade; experiência; inteligência; e linguagem.

3. Dinâmica Cognitiva

A consciência, ao adentrar na vida humana, assimila uma série de condicionamentos, traduzidos em costumes, crenças, valores e outros, oriundos de sua cultura, os quais vão moldar a sua forma de perceber a realidade e, como conseqüência, a sua maneira de adquirir conhecimento.

O paradigma de um indivíduo pode ser identificado como elemento central de uma dinâmica cognitiva que tem como elementos circunvolventes a cultura, a percepção e a cognição, os quais juntos formam uma estrutura que se amplia na medida em que o homem é capaz de acessar e compor novas informações a cerca da realidade.

As inter-relações entre estes elementos na dinâmica cognitiva podem ser esquematizadas no seguinte fluxograma-síntese:



O paradigma é o elemento desta dinâmica que norteia a forma do ser humano observar e analisar a realidade, ou seja, sua percepção.

Uma das características essenciais da percepção é a *limitação informativa*⁶, já que se percebe em função de uma *perspectiva*, dependente tanto das características do estímulo - ativador dos canais perceptivos - quanto das características do observador - suas experiências passadas, seus motivos, atitudes, intenções, valores, tipos de personalidade⁸, ou seja, seu esquema de referência ou seu paradigma pessoal. Deste modo, constitui uma forma estreita de captação do conhecimento.

À medida que ascendemos na escala filogenética, a percepção torna-se cada vez mais influenciada pela aprendizagem⁷. No ser humano, por ocasião do seu nascimento, a percepção vai-se modificando com o crescimento, o desenvolvimento e a experiência.

A experiência acumulada de uma pessoa, desse modo, irá compor e determinar sua reação a uma dada situação. Cada ser humano, em grande parte, aprende a perceber a partir da assimilação de diferentes experiências que se repetem em diferentes culturas⁸.

A percepção constitui o âmago da cognição⁷, pois possibilita a interação do indivíduo com o meio em que está inserido, e confunde-se com o próprio ato de conhecer, sendo o processo básico do desenvolvimento cognitivo⁷. Devido a isto, a cognição pode ser considerada essencialmente *subjetiva*, pois depende de quem conhece, da sua forma de perceber e abordar a realidade.

É por meio deste processo percepto-cognitivo que

ocorre a assimilação cultural, processo onde se dá a interiorização da cultura (aculturação) pelo ser humano, tornando-o um ser cultural, ou civilizado. A assimilação cultural pode ser considerada como um processo basicamente perceptivo, na medida em que o indivíduo, para apropriar-se dos elementos de sua cultura, necessita percebê-los, em primeiro lugar.

A cultura, por sua vez, é um forte estruturador de paradigmas. Esta estruturação é realizada através do condicionamento cultural (educação) oriundo do processo de aculturação por que passa toda consciência ao renascer, processo este que perdura a vida inteira. Sendo assim, a cultura na qual cada indivíduo está inserido modela, normatiza, em seus fundamentos essenciais, a sua escala de observação ou seu sistema de referência pessoal (paradigma).

A aquisição de conhecimento (cognição) modifica o paradigma, ampliando-o; e vice-versa, o paradigma ampliado também modifica a cognição, numa inter-relação que cresce na medida em que o indivíduo investiga a sua realidade, desmarginando seus *limites paradigmáticos* em prol do aprofundamento do conhecimento.

Tendo em vista o caráter subjetivo da cognição, dependente de quem conhece, da sua forma de pensar e investigar a realidade, o paradigma assimilado através da cultura e utilizado pelo indivíduo irá definir e preestabelecer o conhecimento adquirido por ele.

Na evolução do ser humano, o desenvolvimento da autoconsciência possibilitou-lhe acumular, dar continuidade e sentido à sua experiência por intermédio da aprendizagem. A autoconsciência, portanto, é uma condição para a aquisição de conhecimento.

O aprofundamento do conhecimento (cognição) desenvolve a autoconsciência e, em decorrência deste desenvolvimento, o senso de identidade (autocognição) do indivíduo, numa relação recíproca, cuja finalidade é expandir os limites da capacidade para conhecer, ampliando seu paradigma e despertando sua neofilia, ou seu interesse pelo novo.

4. Paradigma Consciencial e Dinâmica Cognitiva

A ciência Conscienciologia tem como objeto de estudo a consciência, e as ocorrências que busca analisar revelam uma realidade que transcende os limites da realidade considerada somente do ponto de vista físico e humano.

O Paradigma Consciencial – teoria-líder ou modelo de investigação da Conscienciologia – insere novas variáveis à dinâmica cognitiva descrita anteriormente, e indica a existência de uma paracultura, uma parapercepção e uma paracognição.

O ser humano caminha em direção a níveis de autoconsciência cada vez mais profundos. Este desenvolvimento consciencial parece ser a finalidade da

cognição e do conhecimento humano como um todo. A autoconsciência é um atributo que transcende a cultura, ao mesmo tempo que possui uma interrelação cognitiva com a mesma.

Na pesquisa quanto à autoconsciência^{2,9} são observados dados acumulados que revelam diversas ocorrências em que esta se manifesta, sob certas condições, independentemente do corpo humano (cérebro), ao mesmo tempo em que possui uma inter-relação funcional com o mesmo. Isto traz à tona o antigo dilema mente-corpo, para clarificá-lo em um novo patamar de conhecimento, indicando que a consciência não é função do cérebro físico, mas que, ao contrário, possui uma ascendência funcional sobre ele.

Inferese destas ocorrências que o atributo da autoconsciência é pré-existente ao atual corpo humano, bem como à atual vida humana, e que vem desenvolvendo-se em níveis crescentes de complexidade e organização ao longo de várias vidas sucessivas.

Um dos fatores que mais retarda este desenvolvimento consciencial é a opção e o posicionamento pessoal por paradigmas já ultrapassados, retrógrados e fossilizantes.

A ampliação de tal paradigma requer *abertismo consciencial*⁹ à experiência, e conseqüentemente ao conhecimento. Esta postura acarreta crises de crescimento positivas e inevitáveis, visto que a pessoa ver-se-á confrontada a reformular seus valores e princípios pessoais norteadores da sua percepção da realidade (paradigma).

O Paradigma Consciencial, neste contexto, apresenta-se como um modelo avançado de abordagem da realidade pautado na experiência pessoal, cuja utilização por parte da pessoa depende de seu nível de autoconsciência, o que traz conseqüências amplas e positivas para a ciência e o desenvolvimento científico em geral, e para o cientista e a humanidade em particular¹⁰.

Uma das conseqüências imediatas da utilização e vivência do Paradigma Consciencial é a *multidimensionalização do saber*, onde o conhecimento não fica mais restrito à materialidade da dimensão física apenas, mas se expande a outras dimensões que a consciência já é capaz de acessar através de seus canais paraperceptivos, além dos seus cinco sentidos básicos (parapercepção), caracterizando a paracognição. Da mesma forma que as percepções estão no âmago da cognição, pode-se considerar que as parapercepções estão no âmago da paracognição, possibilitando um conhecimento multidimensional.

O Paradigma Consciencial traz, como segunda conseqüência, o emprego destas parapercepções, possibilitando o reconhecimento desta existência física, efêmera, em *bases bioenergéticas*, onde a sua atuação tanto lúcida quanto inconsciente é regida por uma ética ínsita à dinâmica evolutiva de todas as pessoas indiscriminadamente, de maneira multidimensional, isto é, nas várias dimensões onde se manifestem.

Uma terceira conseqüência é a ampliação da história

peçoal do indivíduo para além dos limites humanos do nascimento e da morte do corpo biológico, encadeando a presente existência num *ciclo multiexistencial* onde o princípio autoconsciente autoreveza-se em novos *corpos de carne e ossos* a cada nova existência física, em épocas e culturas diversas, dentro do contínuismo de suas conquistas evolutivas, passando por períodos de intermissão entre uma vida e outra¹¹.

Isto possibilita constatar a existência de uma paracultura, extrafísica ou intermissiva, anterior à cultura humana, caracterizada pelos comportamentos, posturas e modos de pensar dos grupos de consciências extrafísicas. As consciências extrafísicas são os seres humanos que passaram pela morte biológica e, portanto, não portam mais o corpo físico, vivendo numa dimensão existencial extrafísica, de posse de corpos extrafísicos; e que compõem a parassociedade.

A parassociedade é a real procedência do ser humano, que a ela retorna a cada término de vida humana para avaliar seu ciclo multiexistencial e planificar uma nova vida física à frente.

As informações quanto a existências pretéritas e a paracultura permanecem registradas na memória extracerebral ou memória integral (holomemória) do indivíduo, podendo ser acessadas através de retrocognições autênticas para o próprio indivíduo.

Uma quarta conseqüência é o reconhecimento pelo indivíduo dos outros corpos não-humanos, mas extrafísicos que possui, e através dos quais pode se manifestar em outras dimensões, ainda nesta vida física, consciente e temporariamente, pela *projeção consciente*, superando o restringimento físico que a vida no corpo humano impõe. Reconhece-se como cidadão multidimensional, para além das designações nacionais e bairristas que possa conceber. O conceito e a vivência de morte passam a ser restritos a estes corpos de manifestação, onde a autoconsciência continua a manifestar-se e passa a conviver com outras consciências em uma mesma dimensão extrafísica afim (parassocologia)¹¹.

A pesquisa da autoconsciência vem a ser o prioritário neste momento de saturação de velhos modelos de investigação do conhecimento humano, diante da *mimese social*¹² - ou a repetição dos velhos modismos, fórmulas e práticas já superadas - que se observa atualmente¹⁰.

Com efeito, pode-se constatar que o desenvolvimento tecnológico-cultural, caracterizado pela modernidade e a qualidade de vida que hoje se tem, avançou mais do que o desenvolvimento consciencial, caracterizado pela autoconscientização do homem de seu contínuo espaço-tempo-histórico-existencial.

Esta discrepância ocorreu devido à necessidade do homem de adaptar-se à vida intrafísica e, assim, melhorar o seu domínio sobre ela. Uma questão cultural de prioridade inicial.

No entanto, a civilização humana atingiu um grau de

desenvolvimento tecnológico tamanho que, por si só, já não faz mais frente aos anseios de um possível bem-estar da humanidade.

Hoje, verifica-se mais uma falta de postura ética do homem em relação aos outros homens e à natureza mais ampla do que propriamente melhores ferramentas e recursos facilitadores de sua adaptabilidade à vida física.

A ciência, linha de conhecimento mais recente em comparação com as demais áreas, responsável pelas principais revoluções culturais e mudanças conceituais que compõem o atual quadro existencial do homem contemporâneo, pautou suas investigações em um modelo materialista e mecanicista da realidade^{12, 13, 10 e 9}. Isto justificado historicamente pela necessidade de sistematizar o conhecimento que, até então, estava pautado em modelos demasiadamente amplos e indefinidos.

Porém, atualmente ela se depara com fatos imateriais, ambíguos e paradoxais que exigem uma explicação lógica dentro dos preceitos científicos, para não dar margem a que esses mesmos fatos voltem a ter explicação medievalescas e passem a ser relegados à categoria de não-ciência, e a ciência, dessa maneira, perca a sua razão de ser.

A Conscienciologia, através do paradigma consciencial e suas conseqüências, propõe uma *revolução paradigmática*, que implica na equalização de certas posturas e *modus vivendi* baseados em paradigmas obsoletos que provocam desequilíbrios e patologias tanto a nível individual quanto a nível global, possibilitando uma nova forma de fazer ciência, não mais atrelada a associações políticas corporativistas representadas por *homens de ciência* ainda convencionais e conservadores^{13, 10 e 9}.

A utilização deste novo paradigma por parte do indivíduo depende, antes de mais nada, de si mesmo, da sua vontade e decisão, do seu posicionamento por modelos baseados em princípios mais condizentes com o atual momento evolutivo por que passam os aproximadamente 6 bilhões de seres humanos, afora os demais seres que compõem o *ecossistema consciencial* do planeta.

5. Considerações Finais

Em seu processo evolutivo, o homem destacou-se da natureza ao mesmo tempo em que se voltou para ela a fim de melhor adaptar-se, gerando em si, nesta interação níveis crescentes de autoconsciência, desenvolvendo sua cultura, seus paradigmas, suas percepções e ampliando o seu campo de conhecimento.

No presente artigo, mostrou-se que esses elementos inter-relacionam-se em uma dinâmica cognitiva, a qual é ampliada na abordagem utilizada pela Conscienciologia, que ao propor o paradigma consciencial expande o universo cultural, perceptivo e cognitivo do ser humano para além da dimensão física e material em que se considera apenas uma única existência física para a consciência.

O paradigma consciencial, pautado na experiência

peçoal - fundamento da cognição, insere novas variáveis e constata a existência de uma paracultura anterior à vida humana, denominada *intermissiva*, que justifica o nascimento de seres humanos mais autoconscientes quanto ao desempenho de seu papel na sociedade humana, contribuindo, cada qual em sua área de atuação, para acelerar o desenvolvimento consciencial a partir do incremento dessa dinâmica cognitiva.

Notas

- i. Reconhecimento de si mesmo como individualidade singular na natureza, a partir da capacidade e do domínio da razão, do pensamento e da reflexão; condição *sine qua non* para a cognição; atributo consciencial multidimensional e multiexistencial.
- ii. Estas bases conceituais do paradigma consciencial são unitárias na prática e interfudem-se. Apenas de forma didática são analisadas de *per sí*.

Referências Bibliográficas

1. WASH, R. N. & EVAUGHAN, F. (orgs.). *Além do ego*; dimensões transpessoais em psicologia. São Paulo: Cultrix, 1980.
2. VIEIRA, W. *Projeciologia*; panorama das experiências da consciência fora do corpo humano. 3. ed. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1990.
3. FILLOUX, J. C. *A personalidade*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.
4. HERSKOVITS, M. J. *Antropologia cultural*. Tomo I e II. São Paulo: Mestre Jou, 1963.
5. LINTON, R. *Cultura e personalidade*. São Paulo: Mestre Jou, 1967.
6. PENNA, A. *Percepção e realidade*. Rio de Janeiro: Mercurio Star, 1982.
7. FORGUS, R. *Percepção: o processo básico do desenvolvimento cognitivo*. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1971.
8. WHITTAKER, J. O. *Psicologia*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1977.
9. VIEIRA, W. *700 experimentos da conscienciologia*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia, 1994.
10. DIAS, S. J. F. *A realidade multidimensional*. Foz do Iguaçu: Centro de Altos Estudos da Consciência, 1997. (Artigo não publicado).
11. WHITTON, J. & FISHER, J. *Vida transição vida*; explorações científicas no tempo de transição entre uma encarnação e outra. São Paulo: Pensamento, 1986.
12. CAPRA, F. *O tao da física*. São Paulo: Cultrix, 1975.
13. _____. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.